

**25 ANOS DA REVISTA PROJECTARE:
entrevista com Maurício Polidori**

**25 YEARS OF PROJECTARE MAGAZINE:
interview with Maurício Polidori**

Maurício Couto Polidori¹

mauricio.polidori@gmail.com

Franciele Fraga Pereira²

franfragap@gmail.com

Isadora Baptista Alves³

isadorabaptistaalves@hotmail.com

Alice Feistauer Urban⁴

alice.f.u@hotmail.com

Apresentação

Essa entrevista foi realizada como um ato de celebração aos 25 anos da publicação da primeira edição da Projectare - Revista de Arquitetura e Urbanismo, e teve o objetivo de registrar memórias, reflexões e experiências relacionadas à criação e à trajetória do periódico. O professor Maurício Couto Polidori foi um dos idealizadores da

¹ Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/PPGECO/2005). Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS/PROPUR/1996) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel/FAUrb/1982).

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel/2021) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel/FAUrb/2019).

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC/UFPel). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel/2023) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel/FAUrb/2020).

⁴ Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPel).

publicação nos idos dos anos 2000, e por isso, a importância de documentar o seu testemunho para a história da Projectare. A entrevista foi realizada presencialmente, na cidade de Pelotas-RS, no primeiro dia do mês de julho de 2025, teve duração de uma hora e dez minutos, sendo gravada em áudio e transcrita pelas autoras. Para a elaboração deste texto, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial como recurso inicial de transcrição, sendo o texto posteriormente revisado e adequado pelos autores. Alguns trechos foram realocados e o texto reorganizado a partir de temas, com o objetivo de facilitar a compreensão pelo leitor. Notas de rodapé foram acrescentadas com informações consideradas complementares à fala do entrevistado.

| Pré-origem

Há pouco eu participei de uma reunião da Comissão da Verdade. Fui chamado, porque na época da ditadura militar, eu participei em vários momentos. Queriam o depoimento de alguém que participou como aluno e como professor da UFPel durante a ditadura militar. Então, eu fui e lembrei de certas coisas. Lembrei que, no segundo grau, eu tinha um jornal de manifestação, pelo qual acabei sendo detido. Fui retirado de dentro do colégio e levado preso, mas logo me soltaram. Com isso, eu não pude mais fazer o jornal.

Então, sinto-me bem ao ver esses esforços, como neste momento estamos fazendo, com essa entrevista agora. No momento parece pouco, mas é importante na trajetória, porque é em conjunto, cria caminhos, aponta a direção. É importante.

| Gênese da Projectare, A UFPel e a FAUrb dos anos 2000

Na década de 1990, nós tínhamos a mania de fazer coisas inéditas. É meio meu perfil, eu gosto de inventar coisas. Então, por exemplo, nesse contexto surgiu o Laboratório de Urbanismo (LabUrb). Antes dele, porém, já tinha criado o Laboratório de Geoprocessamento (LabGeo), que pode ser considerado o precursor do LabUrb. O LabGeo acabou se transformando no curso de Geoprocessamento da UFPel e, a partir

daí, fundei o LabUrb, incorporando a estrutura e conhecimentos do primeiro laboratório.

E porque eu estou falando isso? Porque criar o LabGeo, a Projectare, o Quartas com a Faurb, eram práticas do PET⁵ da década de 90. Inclusive, o Quartas com a FAUrb parece ser um dos projetos de extensão mais longevos da UFPel.

A revista foi projetada na década de 90. Iniciamos o desenvolvimento em 1998, concluímos em 1999 e a publicação ocorreu no ano 2000. Justamente nesse período, de 1999 para 2000, saí para fazer o doutorado e, em janeiro de 2000, eu já não estava mais na faculdade. Ainda assim, foi realizado o lançamento da Revista Projectare.

Até o final de 1999, eu atuava como tutor do PET, função que desempenhei por duas gestões consecutivas. Foi justamente na segunda, encerrada em 1999, que conseguimos criar e lançar a Projectare. O PROGRAU⁶ não existia naquela época, nem se sonhava em ter um curso de pós-graduação, então o PET assumia muitas dessas iniciativas e atividades.

O PET tinha revista, programa de palestras, onde muitas pessoas eram trazidas de fora da faculdade para palestrar. Inclusive a questão da revista foi porque nós sentíamos muita falta de registro do que se fazia na faculdade. Penso que há uma ideia de que na faculdade de arquitetura, ou em uma faculdade de arquitetura qualquer - a nossa dentre elas -, se produz muito e ninguém fica sabendo. Como são temas interessantes, isso poderia contribuir tanto com o mundo acadêmico quanto com a sociedade, de um modo geral. Uma publicação é um dos aspectos que poderia contribuir nisso.

E o mais importante de tudo, era uma criação de alunos, claro, eu era professor-tutor, porém, ali no PET as criações são dos estudantes. E eles, então, chegaram à conclusão, que eu achei muito pertinente, que deveria ser uma revista para publicar de modo muito dedicado, os seus trabalhos. Assim, a Revista Projectare nasceu pelos

⁵ Programa de Educação Tutorial, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

⁶ Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU, vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUrb.

alunos, para que eles pudessem publicar seus trabalhos. Então a gente foi investigar o que era um periódico, como é que era, como é que se registrava, como é que se fazia, porque não havia nenhuma experiência anterior na faculdade de arquitetura.

| O desafio de criar um periódico

Era uma missão bem difícil. Na época, todos me diziam que o que eu pretendia fazer era impossível. Primeiro, queria criar uma revista para os alunos publicarem seus textos. “Os alunos não escrevem sobre seus trabalhos”, ouvi. Eu argumentava que poderiam, sim, escrever sobre os trabalhos de graduação, assim como outros temas que enfrentavam.

Em segundo lugar, queria misturar alunos com professores e pesquisadores de destaque. Minha resposta: “É isso que eu quero. Eu quero que os alunos venham a ser os pesquisadores de ponta. Então eles têm que estar ao lado dessa gente. É justamente isso que eu quero”. Por fim, queria que o periódico tivesse permanência ao longo do tempo, o que parecia quase inatingível. Mas era exatamente isso que nós queríamos.

E assim fomos sucessivamente enfrentando essas dificuldades. Para se ter uma ideia, a primeira revista foi editada em um programa gráfico, porque era o que os alunos sabiam utilizar. Embora hoje existam ferramentas muito mais práticas, na época isso não ocorria. A inserção de imagens, por exemplo, era muito limitada nesses editores de texto comuns. Por isso, mesmo que os alunos entregassem seus textos nesses editores, nós precisávamos fazer a edição da revista em um software gráfico para gerar o PDF final.

| O processo de elaboração do primeiro número

Nós pensamos o periódico, mas percebemos, desde o início, que era muito importante que a revista tivesse diversidade. Mas não só a diversidade que nós vimos tanto falar hoje, que é importante, mas a diversidade de alunos e professores. De professores dedicados ao ensino, à extensão e à pesquisa.

Mas como nós íamos fazer isso numa revista iniciante? Fomos atrás de convidados. convidamos a Joana Barros, que era ex-aluna, que estava em Londres.

Convidamos o Romulo Krafta, que era colaborador. Convidamos várias pessoas para escrever. E eu não. Eu não me auto convidei. É uma coisa curiosa que o pessoal me pergunta: “por que você não aparece nas primeiras revistas do Projectare?” Eu ajudei a inventar a revista, e eu não ia inventá-la para mim.

Então, para evitar qualquer questão nesse aspecto, eu não escrevia para essa revista. Eu apenas fazia. Eu fazia todos os convites, fazia de tudo. Porque era mais difícil para os alunos fazerem isso.

Criamos uma comissão avaliadora, para que a comissão recebesse os textos já revisados. A gente revisava e mandava para a comissão. A comissão era de muitas universidades, de diversos países. Por causa disso, temos uma revista que nasceu, digamos, bem interessante e bem forte, nesse aspecto. Ela era diversa. Ela tinha esse cunho científico de publicação de profissão universitária científica. Numa visão aberta de ciência, evidentemente. Mas não era de notícias, nem era artística, propriamente dita. Então foi assim que foi criada a Projectare.

Nós tínhamos o primeiro número. O aluno, hoje o arquiteto, Jerônimo Vernetti foi o principal editor comigo. Sempre tinha um aluno e eu. E assim nós fomos criando os números.

| A contribuição dos alunos

Foi, portanto, uma série de dificuldades que nós enfrentamos. Agora, eu devo dizer que tive uma certa sorte, porque contei com a colaboração do Jerônimo Vernetti e de colegas da mesma geração, como a Adriana Portella, hoje importante professora na FAUrb, assim como outros. Mas o principal apoio veio do Jerônimo, que era um bom escritor.

O Jerônimo Vernetti foi fundamental. Ele organizou os textos, definiu a ordem, fez a diagramação e estruturou a paginação. Ele fez quase tudo. Eu acompanhei mas foi ele que fez. Eu garanti que a revista existisse, convidei os colaboradores e mobilizei as pessoas. Minha atuação foi importante também, mas sem o trabalho dele, não existiria a revista.

| O processo de submissão dos artigos

Naquela época, acredito que era por e-mail. Os editais eram publicados nos sites da UFPel, site do PET e no da Revista Projectare. A divulgação era muito de boca a boca, porque a revista ainda não existia. Precisei pensar em uma estratégia: convidar pessoas de destaque para participar. E essas pessoas submeteram trabalhos. Gostaram da ideia, principalmente por ser algo da graduação, pois não tínhamos pós-graduação.

E assim, já dando o panorama do horizonte que vem pela frente, eu saio para fazer o doutorado e não consigo mais fazer esse trabalho de modo dedicado. Eu faço um pouco, mas não consigo seguir fazendo como antes. Então, o tempo da Projectare muda e o intervalo entre as revistas aumenta. Quando voltei do doutorado, disse: “Vamos fazer de novo a Projectare”.

| Dossiês Temáticos, participação estudantil e as avaliações

Havia sempre a definição de temas, e eu costumava participar desse processo, porque entendia que eles davam mais sentido à revista. Ao mesmo tempo, lembro que nalgumas dessas edições a professora Laura César⁷ foi editora, mas não autora de capa. Discutimos sobre a possibilidade de retomar a participação dos alunos, que havia sido perdida, pois muita gente que não concordava com essa ideia. Mais do que isso, havia quem argumentasse que nós íamos perder na avaliação da revista, que ela nunca alcançaria um determinado qualis, porque tinha a participação de alunos de graduação. De fato a titulação dos autores, preferencialmente doutores, conta ponto. Diante disso, creio que foi com a professora Laura César, que surgiu a ideia de criar seções dentro da revista.

Propusemos a criação de diferentes seções: uma destinada a artigos científicos de alto nível; outra para trabalhos de TFG⁸, para que os alunos pudessem produzir e

⁷ Laura Lopes César, professora da FAUrb UFPel.

⁸ Trabalho Final de Graduação.

publicar; uma seção dedicada às fotografias, antes restritas à capa, mas que passariam a integrar também o corpo da revista; e mais uma seção voltada a entrevistas.

Então, nós temos as seções. Se o leitor quer ler doutores, tem essa parte, quer ler alunos, tem essa, quer ler depoimentos, que é outra coisa, que não é uma pesquisa nem é uma foto, não é um depoimento de uma pessoa, é só o pensamento dela, que é muito importante.

Admiro muito aqueles que se mantêm como editores de uma publicação acadêmica garantindo a continuidade ao longo do tempo. Por exemplo, umas das revistas mais importantes da área de urbanismo no Brasil tem uma pessoa que a mantém. É ele. Se tu tirares aquele cara lá, mata a revista. Agora, eu acho isso perigosíssimo. Se esse cara tiver uma dificuldade, a revista vai parar? Eu acho que não pode ser assim, tipo Império Inca, onde a queda de um único leva ao colapso do Império todo.

A minha saída da condução geral da revista está relacionada a esse pensamento: é preciso abrir espaço para os outros. O mesmo aconteceu com a minha aposentadoria. Não se tratou de cansaço da FAUrb, não. É porque eu não quero dar mais aula? Não, eu gosto muito de dar aula. Mas eu vou ficar agarrado nisso? Se alguém não tivesse saído, eu não teria entrado. Agora chegou a minha vez, eu vou sair. E vai entrar alguém.

Então eu penso isso para a revista também. Embora eu não negue que é desgastante e que esse desgaste repetido se torna chato, mas a gente está aí para isso. Outro colega podia assumir a continuidade do trabalho, e assim foi. O Otávio Peres⁹, já não mais como aluno, como professor, editou dois volumes.

| Os primeiros revisores

Os primeiros revisores da revista foram nomes de grande relevância acadêmica. Contamos, por exemplo, com o Gustavo Buzai, importante geógrafo latino-americano, e com o Ruben Pesci, uma das principais referências da arquitetura na região. Também

⁹ Otávio Martins Peres, professor da FAUrb UFPel.

participaram Romulo Krafta, cuja contribuição foi significativa. O Décio Rigatti e Célia Ferraz de Souza, de Porto Alegre. O Lineu Castello, entre vários outros.

Esses contatos foram possíveis porque, tendo concluído o mestrado no PROPUR¹⁰ em 1996, eu ainda mantinha, em 1998 e 1999, uma relação próxima com essas pessoas. E elas vão aparecer como revisores, e também como autores.

A revisão é como um automóvel que vai para o conserto. O conserto é feito em uma hora, mas você pode esperar uma semana para que seja feita a revisão. O revisor é a mesma coisa. Se o artigo é mais fácil, a gente dá conta logo. Se não é, a gente tem que estudar um pouco.

É claro que sempre tentamos que os artigos fossem avaliados por especialistas de cada área: alguém da morfologia revisava textos de morfologia, por exemplo. Não se trata de duvidar da capacidade de outros revisores em identificar a qualidade dos trabalhos, mas sim de garantir que as bases bibliográficas estejam bem fundamentadas. Eu poderia, por exemplo, avaliar se um projeto de outra área era consistente, mas não teria condições de julgar a profundidade da bibliografia.

Além disso, era sempre importante acompanhar de perto o trabalho do revisor. Senão, o revisor não faz e a revista atrasa e não sai. Não tem revista. Esta é a dificuldade da Projectare.

A Projectare nunca contou com um técnico-administrativo ou com professores mais permanentes, que garantissem a continuidade. As pessoas fazem, mas fazem já pensando em sair, entende? E aí é difícil manter a constância e a revista começa a demorar. A pessoa tem que reestruturar, fazer e insistir até funcionar. Seria muito interessante se tivesse uma equipe de dois ou três membros mais estáveis.

| As capas da Projectare

A primeira revista, se não foi a melhor até hoje, é uma das melhores, pois foi feita com muita energia. Em seguida veio a edição da Paula Alquati e, depois, a do Kiko,

¹⁰ Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

o Christiano Toralles. Nosso objetivo era permitir que a personalidade de cada um pudesse se expressar livremente na revista, o que representava uma riqueza. Aí, houve um momento em que eu comecei a pensar: a revista já existe, eu posso publicar, e se eu posso publicar, eu posso criar a capa também.

Nesse momento, a proposta se aproximava mais da natureza. A sexta edição, por exemplo, trazia os pássaros na Lagoa dos Patos, e o céu cor-de-rosa. Normalmente, as capas eram feitas por convite, e não concurso, como muitas pessoas pensavam.

A primeira revista ficou ótima, na minha opinião. A capa da revista é um banco do pátio de um casarão no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, que era incrustado de conchas. Então, o Jerônimo fotografou. É a mão dele. O corpo dele estava impresso na capa da revista. Então, as capas eram importantes. A capa da segunda edição era um fósforo acendendo. Representava o fogo da vontade. O ressurgimento da Projectare que foi lançada.

As capas eram importantes. E são até hoje. Além disso, sempre fui fotógrafo. No tempo da ditadura militar, eu era fotógrafo. Minha arma contra o pelotão da polícia de choque, era uma máquina fotográfica. Várias vezes me livreí de apanhar porque os caras vieram bater e eu aponteí a máquina fotográfica e, assim, eles fugiram. Isso aconteceu. Gente fardada, gente de polícia de choque, gente de carro. Nos perseguindo de carro.

Quando teve a famosa Assembleia na Baixada para a implantação do CDE Livre, do qual eu fazia parte, a polícia de choque de Porto Alegre chegou para nos bater. Para acabar com tudo, quebrar tudo. E nós os espantamos à base de máquina fotográfica. Eu tenho umas fotos que foram publicadas no site do Movimento Estudantil, se vocês procurarem. É um blog, na verdade. O Movimento Estudantil em 1978. As fotos estão lá. O meu depoimento está lá.

Mas disse isso para falar da importância que a fotografia tem para mim. Assim como certamente tem para todos. Então eu disse: “nós vamos ser os fotógrafos, autorais”.

Essa ideia de revista digital eu acho importante, mas não tem capa. Quer dizer, tem, mas é uma coisa... sem graça. Assim, a capa da revista era muito importante. E ela marcava um esforço de ter uma representação ali que nos fizesse felizes, vamos dizer assim.

| A impressão da primeira edição

Sempre havia algo que faltava: o técnico não aparecia, alguma coisa não funcionava, ou a impressora não imprimia. Além disso, pagar era difícil, era caro. Embora tenhamos conseguido arcar com os custos. Eu estou achando que a primeira edição foi impressa na Católica. O que eu tenho certeza é o seguinte: não foi de graça. Nós contratamos alguém para fazer e não foi na UFPel.

Nas primeiras edições, nós pagamos. Eu fiz orçamento e quem ganhou foi a Católica¹¹, que possuía um setor para esse serviço, mediante pagamento. E fizeram, e parece que foi boa a impressão.

Sobre o processo de viabilização da revista, nós buscamos recursos por meio de patrocínio. A Loja Krause e a Papel Mix¹² já patrocinaram, bancos já patrocinaram. Além disso, o PET tinha orçamento. Isso permitia que um dos gastos fosse esse. Então, uma parte a gente cobria com isso.

| Formato quadrado

Me convidaram para publicar na revista Caramelo, da USP e eu aceitei. Gostei muito da experiência, especialmente do formato quadrado da revista. Aquele quadrado. Não se trata de um 'amor ao quadrado', mas de uma escolha que diferencia do padrão. O pessoal perguntava: "por que tem que ser quadrado? Por que não pode ser A4?" Eu dizia: "É um pouquinho diferente do nosso cotidiano, estamos cansados de ver tudo em formato A4. Vamos mudar isso, já que redondo não dá para fazer."

¹¹ Universidade Católica de Pelotas – UCPEL.

¹² Papelaria que se localiza na vizinhança da FAUrb/UFPel.

Eu me lembro que o pessoal da gráfica perguntou: “Por que que tu quer que seja quadrado? Vai colocar um pedaço das folhas fora?” E o papel era cortado e botado fora. Porque não tem papel quadrado. Quando coloco na prateleira e fica aquela estética legal nas revistas impressas. A espessura da revista. Tudo meio parecido. Eu acho bacana.

Uma vez o Glênio¹³ ficou de imprimir a revista e acabou ficando um dedo menor, por algum motivo que eu desconheço. Coisa de máquina, sabe? Não sei porquê. Aí ele me entregou aqueles 200 ou 300 exemplares. Eu vi e pensei: tem alguma coisa estranha nessa pilha, não sabia o que era.

Era menor. Era quadrada, porém menor. Na prateleira ficaria em desalinho com as outras edições. Meu lado virginiano apareceu e devolvi todas. Hoje eu não sei se faria de novo, mas acho que sim. Era insuportável ver aquela revista miniaturizada.

| Memória especial: lançamentos e dedicatórias

Fazíamos lançamentos comemorativos. O PET sacudia as goiabeiras, era uma existência forte dentro da FAUrb. Fazíamos com tudo, comida e tal. Tanto que as pessoas que estiveram naquela época no PET não são fracas. Se for buscar na história, boa parte são pessoas que avançaram na vida acadêmica, tornaram-se profissionais importantes, produtivos, comprometidos, coisas desse tipo.

Acho que a satisfação das pessoas talvez seja o que mais me marcou. Ao ver os seus artigos publicados, ao ir na feira do livro. Lembro que duas ou três edições foram lançadas na feira do livro.

Tinha o lançamento. A gente guardava um pouquinho... e lançava. Os alunos iam. As famílias dos alunos. O pai e a mãe do cara que morava em Pelotas. O Jerônimo foi.

E as pessoas, então, faziam uma dedicatória: “para meu pai, minha mãe, esta revista”. E a alegria das pessoas acho que é o que eu mais me lembro. Uma satisfação tremenda de poder fazer aquilo acontecer.

¹³ Proprietário da papelaria Papel Mix.

Então, a satisfação dos outros era minha também, claro que não de dar o autógrafo, mas a satisfação de ver a revista feita, ter aquele negócio impresso lá. Aquilo é bom.

Acredito que nalguma das revistas a professora Natália Naoumova escreveu uma dedicatória para mim. Nesse processo, são 25 anos de Projectare, 40 anos que estou na FAUrb. Fora o tempo de estudante, que soma mais seis. São 46 anos. É um bom tempo.

| Do PET ao LabUrb, chegando ao PROGRAU

Em certo momento, não existia o PROGRAU e eu já não fazia mais parte do PET. O PET não dava mais continuidade à revista. Então, como eu integrava o LabUrb, foi necessário que o laboratório assumisse a iniciativa para que a revista fosse adiante, resultando numa publicação sediada no LabUrb. Depois, com a criação do PROGRAU, havia um certo consenso, inclusive meu, que era muito importante o PROGRAU ter uma revista.

Em vez de criar um novo periódico, optamos por dar continuidade à revista existente e o PROGRAU comprometeu-se em fortalecê-la. Então, nesse momento, os editores começam a ser rotacionados. Em certo momento, a edição impressa deixou de ser viável, o que levou à migração da revista para o formato digital.

Quando surgiu a possibilidade da Projectare vincular-se ao PROGRAU, a proposta foi discutida em reunião e desde o início manifestei meu total apoio. Então por isso a revista inicialmente nasce vinculada ao PET, depois passa a ser PET em parceria com o LabUrb e, posteriormente, passa a ser uma revista vinculada ao PROGRAU.

| Do impresso ao digital: contribuições do editor André Carrasco

No momento em que a revista passou para o meio digital, não foi muito fácil encontrar quem conduzisse esse trabalho. Eu achava importante que outros colegas assumissem a edição da revista, dando continuidade a esse projeto. Considerava essencial que houvesse essa renovação. Então consegui conversar, dentro do LabUrb,

com o professor André Carrasco¹⁴. E justamente na hora que o André entrou, havia o desafio de sair do meio impresso. Se quiser imprimir a Projectare, pode, à vontade. Mas tem que estar também em meio digital.

| A experiência na Projectare: da formação humana à identidade docente e como pesquisador

Elaborar um periódico não é tão difícil assim, mas exige um perfil para que ele seja produzido. Não é tão simples assim. Exige certa interação com as pessoas, é preciso filtrar, tirar o que não está bom, e isso é difícil. Tem que avaliar, tem que ouvir. Enfim, não é difícil, mas é bastante complexa a tarefa de produzir o periódico.

O maior desafio de se fazer uma revista talvez seja o fato de ter que produzir com a produção dos outros. juntando vários artigos. Porque tem que negociar com o limite, o conhecimento e a vontade dos outros. Então, eu acho que essa experiência da Projectare, de trabalhar com a produção, é diferente, por exemplo, de orientar alunos que estão fazendo a sua produção na minha aula. É a outra pessoa na produção dela, e eu estou juntando tudo isso em uma coisa só, que sou eu que estou fazendo.

Qual o limite de deixar tudo parecido ou deixar tudo muito diferente? Talvez seja necessário ajustar um pouco para ter um corpo da revista, mas sem despersonalizar. A revisão tem esse aspecto. Eu faço revisão de muitos periódicos e penso nisso. Até que ponto isso é o estilo da pessoa e até que ponto isso é inadequado? Até que ponto esse é o jeito da pessoa fazer e isso é o que a revista quer? Então, eu sempre fui muito aberto a essa questão. Mas também fui criticado por não ser rígido nas regras e normas. Acato e sigo.

Se está fora da norma, não faz mal. Se está bom, faz bem. Então, era mais importante para a revista Projectare ter um padrão de qualidade geral do que estar certinho, igual ao que a norma diz. O que eu trago dessa experiência é que é possível, mas é difícil ajustar coisas diferentes em uma coisa só. Essa é a grande experiência: juntar coisas diferentes em algo que tenha uma personalidade própria. Isso é desafiador.

¹⁴ André de Oliveira Torres Carrasco, professor da FAUrb UFPel entre 2016 e 2025.

| Desafios contemporâneos: Qualis e novas perspectivas editoriais

Bem, eu não gosto dessa Qualis e de ver tudo em formato digital.

Penso que, por exemplo, o impacto social é muito mais importante para mim do que a Qualis. Agora tem o sistema de citações, mas assim como nas eleições tem as fazendas de propaganda, nas publicações podem ter as fazendas de citações. Para o cara conseguir várias citações. Então eu acho isso terrível. Eu acho que não devemos escrever apenas para enriquecer o currículo, mas sim para dizer o que se quer dizer.

Eu prefiro saber o que cada artigo tem a ver com a modificação da região onde ele atua. Um texto sobre o porto está vinculado ao movimento social? Um texto sobre o plano diretor está vinculado à conferência da cidade? Como ele atua? Não é algo apenas para contar como publicação. Então eu acho que o Qualis é um inimigo da Projectare e de todos os outros periódicos.

A principal questão hoje parece ser a continuidade da Projectare. A revista parece não ter um vínculo, é como se fosse de ninguém. Falta à Projectare um corpo humano, intelectual e emocional que assegure essa continuidade.

| Desafios para a continuidade da Revista

Vejo que a maior dificuldade não é a produção de artigos, não é a avaliação dos artigos, não é o apoio para a revista. Ainda mais na plataforma digital, que não precisa imprimir mais. Não é o recurso. É a continuidade. E a continuidade depende de uma ou duas pessoas. Não precisa de três, na minha opinião. Uma ou duas pessoas que façam. Fazer a revista, mandar os e-mails, receber as coisas, receber os artigos, mandar para a revisão, voltar. É uma atividade que demora cerca de seis meses para ser concluída.

| Projectare em perspectiva: o sentimento dos 25 anos e expectativas futuras

Eu acho super legal essa ideia de ter feito a Projectare. Então, eu me sinto muito bem por ter participado de períodos da formação e da manutenção da revista. Acho importante também que os colegas não deixaram que ela morresse totalmente.

Sinto-me muito bem! Primeiro, gostei do convite para essa entrevista, é bom saber que alguém se lembrou da Projectare, não é? Acho esse um bom sinal para a revista, pois ela precisa de uma firmeza, precisa ser estabilizada e produzida sistematicamente, para não cair nas armadilhas se ela é de um ou é de outro, e penso que ela está no lugar certo. Então, eu tenho muita expectativa que avance e que se mantenha para o futuro.

| Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.